

## **DOMINAR A ARTE DE SER CULTA E EDUCADA PARA CASAR-SE E SER FELIZ: OS PERFIS FEMININOS DO SÉCULO XIX POR JOSÉ DE ALENCAR.**

### **DOMINATING THE ART OF BEING LEARNED AND EDUCATED TO MARRY AND BE HAPPY: THE 19TH CENTURY FEMININE PROFILE BY JOSÉ DE ALENCAR**

O século XIX no Brasil, principalmente o período do Segundo Reinado (1840 - 1889) foi marcado pela necessidade não só da formação de uma identidade nacional mas de um modelo educacional que conduzisse a nação à “civilização”. Esse processo contou com a Literatura para dar suporte às fictícias glórias passadas e, assim adaptar todos os modelos europeus de civilização ordenada e progressista para as terras tropicais brasileiras.

O Romantismo brasileiro não teve somente heróis e heroínas trágicas como são apresentadas em muitas obras europeias da mesma escola literária: aqui, procurou-se descrever um herói ou heroína que, mesmo tendo o seu destino fadado à tragédia, é antes de tudo um modelo de sabedoria, coragem, cortesia e bons princípios como convinha a qualquer homem ou mulher habitante do mundo dito civilizado na segunda metade do século XIX.

Na Terra Brasilis um dos expoentes dessa literatura de cunho “didático-civilizatório” foi José de Alencar, que ao se dedicar à escrita e principalmente à construção de narrativas e personagens que servissem como modelos de um plano maior para fazer do Brasil uma grande e civilizada nação tropical, legou-nos obras que permitem aos habitantes do século XXI vislumbrar essa “utopia” civilizatória apresentada nas obras alencarianas.

Não só a nação devia ser civilizada, mas principalmente os seus habitantes e, mais ainda, para existirem homens civilizados e educados seria necessário também que as mulheres fossem educadas e que desfrutassem de toda a educação que lhes era permitida para contraírem bons matrimônios, manterem suas famílias felizes e, assim, serem o esteio de uma sociedade educada, feliz e civilizada.

Nesse contexto os romances de José de Alencar apresentavam ao público leitor brasileiro do século XIX modelos femininos que deveriam ser tomados como exemplos pelas mulheres da época. É nesse universo de modelos educacionais civilizatórios que a historiadora Ana Carolina Coelho (UFG) buscou suas fontes para analisar três obras de José de Alencar, “Senhora”, “Diva” e “Lucíola” e nos apresentar como as moças deviam ser educadas para serem mulheres cultas e civilizadas e, conseqüentemente tornarem-se esposas felizes.

---

**Luciana de Campos**  
GIEM-UFPB/NEMIS  
E-mail: fadacelta@yahoo.com.br

O livro que ora resenhamos é fruto de uma pesquisa cuidadosa de Ana Carolina Coelho não somente desses três romances urbanos de José de Alencar, mas do cotidiano carioca na segunda metade do século XIX, uma “metrópole civilizada sob o calor tropical” que resultou na sua dissertação ora publicada.

Ao analisar três modelos femininos descritos por Alencar, Ana Carolina vai apresentar aos seus leitores uma “(...) ideia de que essa produção ficcional romântica de José de Alencar continha em suas tramas uma tentativa pedagógica de instruir suas leitoras com os modelos exemplares expressos pelas personagens” (COELHO, 2012, p. 21). Romances escritos com dupla função: entreter e ensinar principalmente o público leitor feminino que encontrava na literatura os modelos de comportamento a serem seguidos e também uma maneira de se distraírem entre uma visita e outra à modista, o início e o término de um bordado e a espera de um baile ou sarau que eram as distrações da boa e civilizada sociedade como Alencar descreve em detalhes e Ana Carolina analisa.

No decorrer de seu estudo a historiadora também vai apresentando a visão alencariana da sociedade brasileira e o que o autor buscava mostrar para seus leitores. Temos, portanto, não somente a descrição detalhada da sociedade carioca durante o Segundo Império que os leitores e leitoras de Alencar encontravam em suas páginas, mas principalmente o propósito do autor que era instruir as suas leitoras em um modelo educacional feminino que mais se aproximaria do ideal europeu, mais especificamente do francês que, no século XIX ditava as regras do vestir, calçar, ouvir, falar, ler e comportar-se. Dentro desse referencial “civilizatório europeu”, as personagens vão mostrando principalmente às leitoras que constituem apenas uma pequena parcela da população, visto que a maioria da população e, incluindo nessa equação, os escravos, os libertos, os mestiços e os brancos muito pobres eram todos analfabetos, portanto estavam totalmente excluídos desse processo civilizatório: somente a elite participava dele. Essa mesma elite que consumia avidamente praticamente boa parte da literatura produzida na Europa, inclusive a obra de Alencar que, mesmo sendo escrita em português, era editada na

França pela Livraria e Editora Garnier e comercializada em uma filial da livraria na Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. A espera de um romance de José de Alencar era tão grande que as pessoas aglomeravam-se, diante da vitrine da referida livraria, por exemplo, para ver a nova edição de “Diva” que era exibida. (COELHO, 2012, p. 89). Esse furor em torno de uma publicação era explicado não somente pelo fato de um novo livro para ser comprado, lido e comentado nos salões e nos saraus onde a elite se reunia para ouvir declamações, ouvir música, dançar e aí “tramar” os novos casamentos. A leitura de romances constituía, portanto, uma forma civilizada de entreter e não só educar a elite, mas principalmente transmitir valores de um bom comportamento feminino que garantiriam um bom casamento e, futuramente a formação de uma família feliz tendo como esteio uma mulher/esposa/mãe “moldada” pela leitura constante de uma literatura que mostrou como deviam se comportar para serem educadas, civilizadas e, conseqüentemente felizes. O recato, a submissão e a pudicícia eram essenciais a essas mulheres que seriam futuras genitoras dos homens e mulheres que levariam o Brasil a ser uma grande potência.

A pesquisa de Ana Carolina agora publicada apresenta para nós, leitores em geral, críticos literários e historiadores uma visão detalhada da vida feminina descrita na literatura do século XIX que mais do que entreter, possuía a função de educar as leitoras. Mais do que um “passatempo” de moças de boa família a literatura e a leitura eram vistas como grandes companheiras da mulher e, quando bem direcionadas serviriam para atingir um objetivo maior que era moldar o caráter dessas jovens moças “casadoiras”.

A leitura agradável das páginas de Ana Carolina não oferece apenas um estudo profundo da obra e das mulheres de José de Alencar, ela é também agradável e elucidativa, além de proporcionar ao leitor “viajar” pelas ruas, saraus, bailes do Rio de Janeiro Imperial, mostrando assim as peculiaridades de uma metrópole que surgia nos trópicos. O caráter pedagógico dessa literatura mostra-se hoje importante para compreendermos muito do que essa educação para o matrimônio e a formação de uma família feliz e civilizada tendo a educação

feminina como base e legado para as gerações futuras onde ainda espera-se que a mulher seja esposa e mãe feliz.

Portanto, a obra de Ana Carolina Coelho é importante para compreendermos a importância que a literatura teve (e, atualmente por mais que se tente substituí-la por outros meios!), pois ela ainda é fundamental para a formação de muitos modelos e são fontes de inspiração para alguns personagens cinematográficos e também televisivos e que são “copiados” por muitos. Essa viagem ao século XIX pelas páginas de Alencar não é só deleitosa mas, também é para nós leitores da contemporaneidade, um prazer e um aprendizado de como a educação modifica o ser humano. Resta agora nos deixar conduzir pelas delicadas e hábeis mãos de Lucíola, nas tramas e ardis de Aurélia e nos recatos de sonhos de Emília. Boa viagem!

Recebido em: 27/05/2013

Aceito em: 28/06/2013